

O Ano da Igreja

Günter K. F. Wehrmann

O presente artigo não pretende tratar do assunto de maneira completa e exaustiva. Existem estudos, em língua estrangeira, que enfocam o assunto de maneira geral, dando ênfase a determinados aspectos específicos. Mas o número de pessoas que teriam acesso a essa literatura está diminuindo sensivelmente. Às irmãs e irmãos que não têm acesso às fontes estrangeiras quero prestar um modesto serviço de “construtor de ponte”. Enforcarei alguns aspectos que, em sua soma, talvez transmitam uma primeira visão geral sobre o assunto da caminhada da Igreja entre o 1º Domingo de Advento e o Domingo da Eternidade.

1. Quanto à Terminologia

O termo *Kirchenjahr* surgiu, no meio luterano, no final do século XVI. Como melhor traduzi-lo? Entre teólogos é muito difundido o termo “ano eclesiástico”. Essa tradução faz sentido para quem tem noção de latim. No meio católico romano surgiu, por volta de 1840, o termo “ano litúrgico”. Considerando o significado original de liturgia como “santo serviço”, o termo é inspirador para teólogos. Penso, porém, que para o nosso povo é complicado demais. Ouço leigos falarem simplesmente em “ano da Igreja”, o que também me parece acertado, pois difere do ano civil. Prefiro, portanto, falar em “ano da Igreja” — abreviado: AI¹.

2. Objetivo do Ano da Igreja

O AI quer ser uma ajuda para a cristandade poder peregrinar, ao longo de um ano, meditando nos mistérios da revelação salvífica de Deus, com vistas ao seu serviço santo no mundo. Peregrinar, anualmente, de maneira nova, já que tempo e situações mudam. E assim aproximar-se, por mais um ano, do fim (final e alvo) de todas as coisas. No Advento, ela espera pelo Senhor que veio, virá e está presente. No tempo do Natal, glorifica o amor de Deus que assumiu, em Jesus, a forma de pessoa. Em Epifania, celebra a manifestação da glória do Senhor na terra. No tempo da Quaresma, a Igreja se conscientiza do sofrimento e da cruz, provocados pela colocação de sinais concretos do reino de Deus no mundo. Na Semana Santa,

a cristandade lembra-se da morte vicária de Cristo em nosso favor. No tempo da Páscoa, ela anuncia a vitória da vida sobre a morte. Em Pentecostes, lembra-se da presença do Cristo ressurreto que, pelo Espírito Santo, cria, mantém e envia a Igreja. No Dia da Santa Trindade, ela celebra o mistério do trino Deus (Criador, Salvador/Libertador e Consolador). Na segunda parte do AI, lembra-se dos dons que Cristo concede à Igreja, para que ela sirva a Deus no mundo, colocando sinais concretos de amor, justiça, paz e vida para todos, principalmente para os que menos a têm. No Último Domingo do AI, lembra-se do fim (final e alvo) do mundo e da volta de Cristo que criará, definitiva e plenamente, “novos céus e nova terra, nos quais habita justiça” (2 Pe 3.13).

3. Formação e Desenvolvimento do Ano da Igreja

3.1. Semana da Igreja

Antes que surgisse um AI, formou-se a Semana da Igreja. Começou com o destaque dado ao primeiro dia da semana (Mt 28.1). Nele realizavam-se celebrações litúrgicas alusivas à vitória pascal de Cristo. Foi no primeiro dia da semana que foi assegurada aos discípulos a comunhão com o seu Senhor (Jo 20.19,26). No primeiro dia da semana foi derramado sobre eles o Espírito Santo (At 2.1). No primeiro dia da semana, preferencialmente, celebrava-se a Ceia do Senhor e, assim, a comunhão com Ele e com irmãs e irmãos. Também nesse dia davam-se ofertas de gratidão, ou seja, coletas (1 Co 16.2). Segundo Ap 1.10, o dia é chamado “dia pertencente ao Senhor” (*en te kyriake hemera*); em latim traduz-se “*dies dominicus*”; disso deriva-se a nossa palavra “domingo”.

Em 321 d.C., Constantino decretou que o primeiro dia da semana fosse “dia nacional de descanso”. Visto que justificou o decreto a partir do 3º Mandamento, o domingo recebeu, erroneamente, um caráter legalista. Os reformadores procuraram resgatar o significado evangélico do domingo².

A comunidade primitiva destacou, além do domingo, também a quarta-feira para celebrar o início da paixão de Cristo; destacou a sexta-feira para lembrar a crucificação de Cristo; esses dias eram dias de jejum. Assim, os cristãos comemoravam, semanalmente, a paixão e a ressurreição de Cristo; pois a volta do Senhor (parúsia) era esperada para já (1 Ts 4.15).

3.2. O Ciclo da Páscoa

3.2.1. A Fixação da Data Anual da Páscoa

Apenas no século II, quando havia diminuído a esperança na parúsia iminente de Cristo (i. é, a sua segunda vinda), começou a surgir uma come-

moração anual da Páscoa. Ela se tornou a festa cristã mais antiga e mais significativa. Está relacionada com a páscoa judaica, que, segundo Êx 12.11, também era comemorada anualmente. Em analogia à páscoa judaica (*passah* = passagem), a cristandade lembra a morte vicária de Cristo, pela qual os crentes recebem reconciliação e vida. Ambos os aspectos, ou seja, cruz e ressurreição, convergem também na Santa Ceia.

Mas, com o passar do tempo, esses dois conteúdos foram separados cronologicamente. Assim, a Páscoa foi se tornando somente o dia de jubilo-sa alegria. Com o dia da Páscoa iniciava, então, um tempo de alegria pas-cal, com duração de 50 dias. O tempo de 40 dias antes da Páscoa era dedi-cado à memória da paixão e morte de Cristo em nosso favor.

Durante muito tempo, a fixação da data da Páscoa foi controvertida. Apenas o Concílio de Nicéia (325) fixou definitivamente a data: o 1º domingo após a lua cheia que se segue ao equinócio da primavera (duração igual de noite e dia = 21 de março); naturalmente, no hemisfério sul devemos falar em equinócio do outono. Dessa maneira, a data da Páscoa pode cair em qualquer domingo entre 22 de março e 25 de abril. A cor litúrgica é branco.

3.2.2. O Tempo Pascal de Alegria (cor litúrgica: branco)

Já desde o século III, a passagem da época quaresmal para a época pascal era marcada pela *vigília pascal*. Era um culto eucarístico que inicia-va meia hora antes do nascer do sol no domingo. Dessa forma era possível visualizar a vitória da luz sobre as trevas da noite, da vida sobre a morte. A alegria é expressa pelos cantos litúrgicos: “Glória ao Pai...”; “Glória a Deus nas maiores alturas...”; “Aleluia” e pela celebração da Ceia do Se-nhor. Toda a riqueza litúrgica, que durante a Quaresma foi diminuindo gra-dativamente até a Sexta-Feira Santa, agora é reintroduzida de uma só vez. Surge assim uma explosão de alegria pascal. Ela caracteriza também os 50 dias seguintes até o quinquagésimo dia, chamado de Pentecostes, por cau-sa do número grego 50. Os seis domingos após a Páscoa expressam de vá-rias maneiras o mesmo tema: “Cristo ressuscitou!” Esses seis domingos (ex-ceto *Rogate*) receberam seus nomes pelo início da antífona dos respectivos intróitos, segundo o texto bíblico em latim. São os seguintes:

Quasimodogeniti — em port.: como recém-nascidos — “como crian-ças recém-nascidas” (1 Pe 2.2). Essa data, por aludir à vestimenta branca dos batizados, se presta bem para culto de Batismo ou Confirmação.

Misericordias Domini — em port.: misericórdia do Senhor — “a ter-ra está cheia da bondade do Senhor” (Sl 89.2). Baseado no evangelho do dia (Jo 10.11-16), o nome “Domingo do Bom Pastor” também é usual.

Jubilate — em port.: jubilai — “aclamai (jubilai) a Deus, toda a ter-ra” (Sl 66.1). O evangelho desse e dos três domingos seguintes apresenta trechos do “sermão de despedida” como legado do Ressurreto.

Cantate — em port.: cantai — “Cantai ao Senhor um cântico novo” (Sl 98.1). Frequentemente, esse domingo é dedicado à música sacra.

Rogate — em port.: rogai — “Bendito seja Deus, que não me rejeita a oração...” (Sl 66.20.)

Ascensão — Inicialmente era comemorada ou com a Páscoa ou com Pentecostes (1 Co 15.3-8). Desde o século IV, porém, a Ascensão é celebrada no quadragésimo dia (At 1.3) após a Páscoa —sempre na quinta-feira entre *Rogate* e *Exaudi*. Lembra-se o senhorio de Cristo, que prometeu: “Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo.” (Jo 12.32.)

Exaudi — em port.: escuta-me — “Senhor, escuta minha voz” (Sl 27.7). Inicia a “*Semana Mundial de Oração pela Unidade da Igreja*”, que culmina na celebração de Pentecostes.

Pentecostes — 50 (em grego) dias após a Páscoa. Lembra-se o cumprimento da promessa acerca do envio do Espírito Santo (cf., p. ex., Jl 2.28ss.; At 1.8 e diversas passagens de Jo 14 e 16). O Cristo ressurreto e assunto (“levantado”) está presente entre nós pelo Espírito Santo. Ele é o criador, mantenedor e consumidor da fé e da Igreja. Pentecostes, portanto, também é o aniversário da Igreja cristã. Cor litúrgica: vermelho.

3.2.3. O Tempo da Paixão (ou Quaresma) (cor litúrgica: violeta)

A cristandade prepara-se para as suas grandes festas (Páscoa e Natal) através do jejum. Assume uma postura de abstinência, por tempo determinado, em relação a determinadas coisas, como p. ex. alimento, bebida ou outros prazeres. Isso quer ser um sinal de arrependimento e disposição especial para com a vontade e graça de Cristo (Mt 6.16s.; 9.15; 17.21). É provável que o jejum pré-pascal, inicialmente, tenha abarcado apenas a sexta-feira (morte de Jesus) e o sábado (silêncio de sepultura). Mais tarde, esse curto tempo foi ampliado para 40 dias — certamente em analogia ao tempo de jejum de Jesus no deserto³. Efetivamente o tempo da Quaresma já começa 6,5 semanas (= 46 dias) antes da Páscoa, a partir da Quarta-Feira de Cinzas.

O nome “*Quarta-Feira de Cinzas*” provém do costume (já desde a Idade Média) de desenhar-se, com cinza abençoada, o sinal da cruz na testa dos arrependidos. Cinza é o símbolo da efemeridade e transitoriedade às quais o pecador está sujeito, por causa do seu afastamento de Deus. Esse tempo da Quaresma servia também para preparar os catecúmenos que, na vigília pascal, receberiam o Santo Batismo. O tempo da Quaresma é precedido pelo *Carnaval*. Por ser a maior festa popular brasileira, ele não requereria bem mais da nossa atenção evangélica⁴?

Os domingos da época quaresmal, exceto o Domingo de Ramos, também receberam seus nomes pelo início da antífona dos respectivos intróitos, segundo a versão em latim:

Invocavit — em port.: ele invocará — “Ele me invocará, e eu lhe responderei.” (Sl 91.15.)

Reminiscere — em port.: lembra — “Lembra-te, Senhor, das tuas misericórdias.” (Sl 25.6.)

Oculi — em port.: olhos — “Os meus olhos se elevam continuamente ao Senhor.” (Sl 25.15.)

Laetare — em port.: alegrai — “Regozijai-vos junto com Jerusalém.” (Is 66.10.)

Judica — em port.: faze justiça — “Faze-me justiça, ó Deus.” (Sl 43.1.)

Domingo de Ramos — Tem seu nome pelo evangelho da entrada triunfal em Jerusalém (Jo 12.12-24). Com esse domingo inicia a *Semana Santa*. Nela, a Igreja lê, desde a Antiguidade, os relatos sobre a paixão de Jesus, segundo os quatro evangelistas.

Na *Quinta-Feira Santa*, a Igreja lembra-se da instituição da Santa Eucaristia (Ceia do Senhor). Nesse dia, o “Glória nas maiores alturas”, que é omitido na época da Quaresma, pode ser cantado, pois a Santa Ceia antecipa a alegria eterna. Por isso a cor litúrgica também é branco.

Na *Sexta-Feira Santa*, a Igreja, desde os primórdios, relembra a crucificação do Senhor em nosso favor. É um dia de penitência, luto e contrição, o que se reflete na forma litúrgica do culto: sinos, órgão (e outros instrumentos musicais) silenciam; não se canta o “Glória seja ao Pai...”, nem o “Glória a Deus nas maiores alturas”, nem o “Aleluia”. Bom seria evitar também a celebração da Ceia do Senhor, pois quem acompanha conscientemente o AI percebe que o aspecto da alegre antecipação da Ceia Eterna não combina com o todo da Sexta-Feira Santa. A Santa Ceia, contudo, combina excelentemente bem com a alegria pascal. Na Páscoa, portanto, a Ceia do Senhor deve ser celebrada! A cor litúrgica é preto (também no Sábado Santo).

3.2.4. O Tempo da Pré-Paixão (Pré-Quaresma) (cor litúrgica: verde)

Na Igreja romana (não na oriental) surgiu o assim chamado “tempo pré-quaresmal”. Ele abarca 2,5 semanas antes da Quarta-Feira de Cinzas. Os nomes dos três domingos são:

Septuagesimae — 70 (dias de preparo)

Sexagesimae — 60 (dias de preparo)

Quinquagesimae — 50 (dias de preparo)

É provável que esses nomes apontem para um tempo de preparo para a Páscoa, antigamente calculado em 70, 60 respectivamente 50 dias. O domingo *Quinquagesimae* também é chamado de *Estomihi* (ou “Domingo antes da Quaresma”) = “Tu és minha rocha” (Sl 31.3). O Aleluia não é cantado, desde *Septuagesimae*, durante todo o tempo pré-quaresmal e quaresmal!

3.3. O Ciclo de Natal

3.3.1. A Festa do Nascimento de Cristo — Natal (cor litúrgica: branco)

Vimos que a data da Páscoa é determinada a partir do ano lunar e da ordem semanal. A data do Natal, porém, é determinada a partir do ano

solar e independe do dia da semana. A data histórica do nascimento de Jesus é desconhecida. Já no século III, no Egito, comemoravam-se o nascimento e o batismo de Cristo no dia 06/01. Na Igreja romana, porém, ligou-se o evento ao solstício do inverno (no hemisfério sul trata-se do solstício do verão!). A tradição pagã celebrava, no dia 25/12, a festa do *Sol Invictus* (= invencível). Em meados do século IV, comemorou-se em Roma, pela primeira vez nesse dia 25/12, o nascimento de Cristo. Sob Justino II (570), essa data foi oficializada. Embora as razões da escolha da data permaneçam obscuras, até certo ponto, pode-se segurar a ligação entre o nascer do “sol da justiça” (Mt 3.20) e a festa pagã do solstício. Os cristãos, portanto, deram a uma festa pagã um significado cristão.

A noite natalina antecede a festa do nascimento de Cristo. Nessa noite celebra-se a véspera ou vigília de Natal. Embora, originalmente, essa noite tivesse apenas caráter de preparação para a festa propriamente dita, ela foi se tornando bem mais popular como noite santa.

A celebração do nascimento de Cristo não se restringe ao dia 25/12, mas se irradia, com seu brilho, até o dia de Epifania (06/01) e perpassa todo o tempo de pós-Epifania.

O dia 26/12, quando não tido como segundo dia de Natal, é a data em que se lembra o mártir Estêvão (At 6-8).

O dia 27/12 é o dia do apóstolo e evangelista João.

O dia 28/12 é o dia das criancinhas inocentes (Mt 2.13-18).

O dia 01/01, com que inicia (desde o século XVI) o ano novo, originalmente tinha seu significado como oitavo dia da festa de Cristo. Lembra-vam-se a circuncisão e o dar nome ao Senhor (Lc 2.21). Só mais tarde derivou-se disso que o novo ano deveria ser iniciado em nome de Jesus.

O 1º Domingo após o Natal aponta para Simeão e Ana (Lc 2.33-40).

O 2º Domingo após o Natal (na Igreja Católica Romana celebrado como festa do santíssimo nome de Jesus), segundo os luteranos, encerra as histórias sobre o nascimento de Jesus, lembrando a volta do Egito (Mt 2.19-23).

O surgimento do ciclo de Natal fez com que o ano da Igreja começasse com o Advento, um tempo de preparo e espera pela vinda de Jesus⁶.

3.3.2. O Tempo do Advento (cor litúrgica: violeta)

Como o tempo antes da Páscoa, assim também o tempo antes do Natal começou a ser celebrado como fase de preparação. Os quatro domingos (inicialmente os cinco domingos) anteriores ao dia 25/12 eram dedicados à penitência diante daquele que veio pobre e humilde e voltará em majestade e glória. Advento = *adventus* é a chegada (Lutero fala em “*Zu-kunft*”) de nosso Senhor. Fala-se também em “segundo advento”, estabelecendo assim uma ligação com os últimos domingos do ano da Igreja (que antecedem o tempo do Advento); esses enfocam a vinda do “Filho do homem”, o juízo final e o fim do mundo. No Advento, portanto, lembra-se o Cristo que veio, que virá e que está presente em Palavra e sacramentos.

Visto que o dia 25 nem sempre cai no mesmo dia da semana, o tempo do Advento pode abranger um espaço de 22 a 28 dias.

O *1º Domingo de Advento*, apesar do caráter penitencial da época, é um dia de alegria por causa da “entrada do rei celeste no mundo”. Por isso, na liturgia luterana, canta-se o “Glória a Deus nas...”.

O *2º, 3º e 4º Domingo de Advento* lembram a volta de Cristo, João Batista e a mãe de Jesus e nos admoestam para receber, com alegria, o Filho de Deus. Dessa forma, o Advento se caracteriza por espera, penitência, preparação e pré-alegria (esperança escatológica)⁷.

3.3.3. Tempo de Epifânia (cor litúrgica: branco, verde, branco)

Segundo F. Kalb (p. 69), “a alegria pelo aparecimento de Deus na terra ultrapassa o dia de Epifania (06/01), estendendo-se até o início da Pré-Quaresma (*Septuagesimae*)”. Dependendo da data da Páscoa, esse tempo da Pré-Quaresma pode começar já em 18/01 ou, o mais tardar, em 21/02. Dessa forma, o tempo de Epifania pode abarcar um a seis domingos. O dia de Epifania é caracterizado pelo evangelho de Mt 2.1-12, que enfoca a adoração do Jesus recém-nascido por parte dos magos do Oriente (ou seja do mundo pagão). Nisso reside a dimensão missionária de Epifania. A cor litúrgica é branco. Os domingos após Epifania e seus respectivos temas são:

1º Domingo após Epifania — O menino Jesus no templo (Lc 2.41-52).

2º Domingo após Epifania — As bodas em Caná (Jo 2.1-11); observe-se o v. 11!

3º Domingo após Epifania — Curas de um leproso e de um criado de um centurião (Mt 8.1-13).

4º Domingo após Epifania — Jesus acalma a tempestade (Mt 8.23-27).

5º Domingo após Epifania — Parábola do joio (Mt 13.24-39).

6º Domingo após Epifania — Transfiguração de Jesus (Mt 17.1-9). Esse evangelho é constitutivo para o *Último Domingo após Epifania*, independentemente do número de domingos dessa época. A cor litúrgica é branco, enquanto nos demais domingos dessa época é verde (i. é, a partir do primeiro até o penúltimo domingo)⁸.

3.4. Tempo após Pentecostes (ou após Trindade) (cor litúrgica: verde)

Já que o tempo após a Páscoa culmina na celebração de Pentecostes, essa festa representa uma cesura marcante no ano da Igreja. Inicia um novo ciclo. Ele lembra a ação do Espírito Santo na e através da Igreja no mundo. Contudo, no primeiro domingo após Pentecostes a Igreja celebra, desde 1334, a *feira da Santa Trindade*. Nela se resume, novamente, toda a obra salvífica (Jo 3.1-15) e, ao mesmo tempo, se indica o objetivo último da mesma, a saber: louvor e adoração eternas ao trino Deus. A cor litúrgica é branco.

A tradição luterana faz a cesura no Domingo da Santa Trindade. Os domingos seguintes (até o Antepenúltimo Domingo do AI) são contados simplesmente em ordem cronológica; p. ex.: 1º Domingo após Trindade, 2º Domingo após Trindade, etc. Na tradição católica romana, porém, são contados já a partir de Pentecostes. Isso deve ser observado quando se adota o assim chamado “Lecionário Ecumênico ABC”⁹. Nos domingos após Trindade (respectivamente após Pentecostes), a Igreja lembra os dons que Deus dá à comunidade para que ela sirva a ele no mundo.

O número de domingos após Trindade varia entre 22 e 27. Os três últimos são chamados “Antepenúltimo..., Penúltimo... e Último Domingo do Ano da Igreja”. Esses devem ser considerados, independentemente do número total de domingos após Trindade¹⁰. Os três últimos domingos tratam das coisas últimas, ou seja, de morte, ressurreição, juízo final e eternidade. O Último Domingo do AI também se denomina de *Domingo da Eternidade*. Nele (e não em Finados — 02/11!) as igrejas luteranas lembram evangelicamente os que faleceram durante o ano e os seus respectivos enlutados. Esse memorial é marcado pela esperança na vitória da vida sobre a morte que Cristo já nos conquistou e no fim dos tempos nos dará efetivamente. Dependendo da ênfase dada ao culto, a cor litúrgica pode ser preto, branco ou verde.

3.6. Dia de Penitência

Já vimos que o tempo antes da Páscoa e antes do Natal é dedicado ao preparo e à penitência. De maneira especial, a quarta-feira antes do Último Domingo do AI é considerada Dia de Penitência. Isso tem sua lógica na séria temática dos três últimos domingos do AI. A cor litúrgica desse dia é violeta — como é praxe nos tempos de penitência e preparo (Quaresma e Advento).

4. Dias e Datas Comemorativos

A Igreja Católica Romana conhece uma infinidade de dias comemorativos e dias de santos. A Reforma, preocupada com o resgate do significado da obra salvífica de Cristo somente, tentou purificar esse costume. Reduziu o número de dias comemorativos e destacou o significado evangélico dos dias mantidos. Mencionamos, a seguir, apenas alguns dos dias comemorativos importantes, observando também o nosso contexto brasileiro.

1. *Dia da Reforma*: Inicialmente celebrava-se esse dia em alusão à data em que a Reforma fora introduzida em determinada cidade ou região. Desde o século XVIII, porém, destinou-se, em alusão à fixação das 95 teses, o dia 31/10 para comemorar a importância da redescoberta do evangelho por Martim Lutero. A introdução da teologia luterana em determinada

cidade ou região era comemorada, então, nas respectivas datas, sob o nome de “quermesse” (*Kirchweihe* ou *Kirmis*). Essa é celebrada, em algumas comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em alusão à fundação da comunidade ou da construção do primeiro templo. A cor litúrgica é vermelho.

2. *Dia da Confirmação*: As raízes da confirmação vão até a antiga liturgia batismal. Na Igreja Católica Romana, a antiga *confirmatio* (crisma) se tornou sacramento. As igrejas da Reforma, porém, rejeitaram esse significado por não ter embasamento bíblico. Nelas, contudo, surgiu, durante o século XVIII, um ato de “confirmação” como “ordem humano-eclesiástica com fundamentação bíblica”¹¹. Penso, no entanto, que a fundamentação bíblica está muito mais no *espírito* bíblico do que em determinada passagem. O “sim” de Deus requer resposta humana. As definições divergentes aparecem nas diferentes maneiras de formular a pergunta ou o compromisso. Não há muito consenso. Como datas para o Dia da Confirmação recomendam-se o domingo *Quasimodogeniti* ou os dois domingos próximos do Dia da Reforma. A cor litúrgica do Dia da Confirmação é vermelho.

3. *Dia da Colheita* ou *Dia de Ação de Graças* (cor litúrgica: verde): Desde o século XVII, esse dia é relacionado com o ciclo de semeadura e colheita. Desde a industrialização, porém, estamos preocupados em integrar nesse evento também o mundo extra-rural. Sua data não pode ser fixada num dia igual para todas as regiões, visto que a época da colheita, num país continental como Brasil, varia de região para região. Seria salutar, porém, se houvesse, a nível regional ou distrital, uma data uniforme para expressar a idéia de corpo. Inclusive seria bom pensar na conveniência de ligar o conteúdo litúrgico desse dia ao *Dia Nacional de Ação de Graças*. Sua data foi fixada, após muitas alterações, desde 1941, para a 4^a quinta-feira de novembro.

4. *Dia Mundial de Oração* (cor litúrgica: violeta): Esse dia surgiu por iniciativa de uma mulher chamada Ellen James (Nova Iorque), em 1887. Hoje, ele é celebrado em 170 países/regiões. Sua data é sempre a 1^a sexta-feira do mês de março. Anualmente, um grupo de mulheres de determinada região elabora um programa ecumênico de culto para esse dia. Desse fato os homens derivaram a idéia errônea de que esse culto seria só de mulheres e para elas. Eis aí um desafio para as mulheres motivarem também os homens!

5. *Semana Mundial de Oração pela Unidade da Igreja* (cor litúrgica: branco, violeta, vermelho): Segundo Jo 17, Cristo mesmo roga pela unidade dos seus. Em vista dos desafios de promover mais justiça e paz no mundo e de lutar pela sobrevivência do mesmo, os cristãos devem unir seus esforços. As origens de tal semana de oração ecumênica remontam a 1857, quando foi celebrada pela primeira vez na Inglaterra. Hoje, o Conselho Mundial de Igrejas promove essa semana em aproximadamente 70 países do mundo. Ele oferece anualmente um programa litúrgico específico. No

Brasil, esse programa é adaptado pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs. A data abarca a significativa semana entre *Exaudi* e Pentecostes — é por assim dizer o tempo de clamar pela vinda do Espírito Santo. A cor litúrgica é violeta, exceto em *Exaudi* e Pentecostes, quando as cores são, respectivamente, branco e vermelho.

6. *Outras Datas Comemorativas*¹²: Já que as pessoas de certa forma são motivadas através dos meios de comunicação de massa, principalmente pela TV, é oportuno a Igreja não se furtar à sua tarefa de dar um testemunho evangélico. Esse deve ser ouvido em forma de lei e evangelho, seja nos grupos, nos cultos, no programa radiofônico ou televisionado. Menciono entre tais dias alguns que não deveriam ser ignorados, como, p. ex., 01/01: Dia Mundial da Paz; 08/03: Dia Internacional da Mulher; 07/04: Dia Mundial da Saúde; 19/04: Dia Nacional do Índio; 25/05: Dia do Trabalhador Rural; 05/06: Dia Mundial do Meio Ambiente e Dia Internacional da Ecologia; 25/07: Dia do Colono; 28/07: Dia do Agricultor; 21/09: Dia da Árvore; 27/09: Dia do Ancião; 12/10: Dia da Criança... O Dia da Bíblia é comemorado no 2º domingo de dezembro.

Dependendo do lugar e da situação local, justifica-se dar ênfase a determinados dias comemorativos. Auxílios homilético-litúrgicos para preparar programas encontram-se também em *Proclamar Libertação*, volumes IX e seguintes, na parte “Quer seja oportuno quer não”.

5. Cores Litúrgicas

Branco: É a cor do brilho da luz de Deus e da glória de Cristo; cor da alegria, pureza e plenitude. É usada desde o Natal até Epifania (e no Último Domingo após Epifania); desde a Páscoa até o sábado antes de Pentecostes e no Dia da Santa Trindade.

Verde: É a cor da vida, da sementeira e da esperança. É usada nos domingos pós-Epifania (exceto o último) e pós-Trindade.

Vermelho: É a cor do fogo e do amor (do Espírito Santo) e do sangue. É usada em Pentecostes, Dias de Apóstolos e Mártires, Dia da Reforma, quermesse, Confirmação, Dia de Missão e do Ecúmeno.

Violeta: É a cor da saudade por luz e vida, da penitência e reflexão séria. É usada nos tempos de preparo, penitência e petição: Advento, Quaresma, Dias de Penitência e Oração.

Preto: É a cor da negação da vida, do luto e da escuridão (trevas). É usada na Sexta-Feira Santa, no Sábado Santo e, dependendo da situação, também no Último Domingo do AI (Domingo da Eternidade) em que se lembram evangelicamente os falecidos e enlutados¹³.

As cores litúrgicas servem para os paramentos do altar e do púlpito. Já que na IECLB temos, além do talar preto, o talar bege para ocasiões es-

peciais, seria bom atentar também para o uso de estolas, cujas cores acompanham a cor litúrgica do respectivo dia.

6. Algumas Ponderações sobre Chances e Limites do Ano da Igreja

“Teria sido melhor voltares à mesma hora. (...) É preciso ritos” — disse a raposa ao pequeno príncipe¹⁴. A gente quer sentir a pré-alegria do que virá. Quer saber qual é o próximo passo. Não saber se ou quando alguém vem ou não saber qual é o próximo passo — isso pode ser interessante às vezes e especialmente para os jovens; quando se torna regra, deixa a pessoa (também a jovem!) insegura, desorientada e temerosa. Já que a vida toda é imprevisível, ritos, convenções e costumes, como existem no AI, podem ter efeito terapêutico na vida da comunidade. Eles podem criar um espírito de comunhão, confiança e esperança que ajuda a enfrentar os desafios do dia-a-dia. Podem libertar para o serviço a Deus no mundo.

Mas isso somente será possível quando o AI não for considerado e tratado como algo sacrossanto e imutável¹⁵. O AI foi surgindo e se formando ao longo dos séculos — quer dizer, ele não está acabado. Por isso, também hoje deve estar aberto a expressões e necessidades da comunidade de fé aqui e agora.

Parece-me, portanto, que se trata da arte de viver a tensão entre universalidade e contextualidade. Eis o nosso desafio litúrgico!... mas isso requer outra reflexão.

Bibliografia

- BRODDE, O. Kirchenjahr. In: *Evangelisches Kirchenlexikon*. 2. ed. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1962. Vol. 2, pp. 731-734.
- KALB, F. *Grundriss der Liturgik*. München, Claudius, 1965. Pp. 59-80.
- SAINT-EXUPÉRY, A. de. *O Pequeno Príncipe*. 15. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1972.
- SCHULZ, F. Kirchenjahr. In: *Evangelisches Kirchenlexikon*. 3. ed. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1989. Vol. 2, pp. 1115-1126.
- STECKEL, H.-M. Gebetswoche für die Einheit der Christen. In: *Ökumene Lexikon; Kirchen — Religionen — Bewegungen*. Frankfurt am Main, Lembeck; Frankfurt am Main, Knecht, 1983. Pp. 425s.
- CENTRO DE ELABORAÇÃO DE MATERIAL, ed. Significado do Dia do Descanso. In: *Temas Atuais da IECLB n° 12*. São Leopoldo, Sinodal, 1985.

Notas

- 1 Este artigo está baseado num polígrafo por mim elaborado em 03/87, sob o título “O Ano Eclesiástico (= Litúrgico)”, e utilizado nos seminários de Liturgia na Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, nos anos de 1987-1988. Ele estava inspirado principalmente por Friedrich Kalb e O. Brodde. Na revisão e adaptação do polígrafo baseei-me ainda em Frieder Schulz, autor do verbete “Kirchenjahr” no novo *Evangelisches Kirchenlexikon*. Penso que valeria a pena traduzir este artigo para o vernáculo. A fim de não complicar demais a leitura para leigos e estudantes principiantes, tomo a liberdade de não identificar todos os trechos que traduzi literalmente.
- 2 Acerca do dia de descanso vide in CENTRO DE ELABORAÇÃO DE MATERIAL, ed., *Temas Atuais da IECLB n° 12*.
- 3 Cf. Mt. 4.2. O número de 40 dias aparece muitas vezes, como, p. ex., em Êx 34.28; 1 Rs 19.8.
- 4 Acerca disso e à luz de Jo 2.1-11 reflète W. ALTMANN in: ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA, ed., *Proclamar Libertação*, São Leopoldo, Sinodal, 1983, vol. IX, pp. 41ss.
- 5 Cf. KALB, *Grundriss der Liturgik*, pp. 63-66.
- 6 Cf. *ibid.*, pp. 66-68.
- 7 Cf. *ibid.*, pp. 68s.
- 8 Cf. *ibid.*, pp. 69s.
- 9 Trata-se de uma ordem trienal de leituras bíblicas do AT, da epístola e do evangelho para todos os eventos do AI, a ser usada nas missas. Ela foi criada pelo Vaticano II e, entretanto, adotada por muitas igrejas protestantes nos EUA e na América Latina. Também a IECLB a adotou experimentalmente em 1991.
- 10 Subentende-se que, na contagem, a partir de Pentecostes serão 23 a 28 domingos!
- 11 Segundo KALB, *op. cit.*, p. 225.
- 12 Uma relação bem ampla de datas comemorativas encontra-se na Agenda de cada ano do Departamento de Educação — IECLB.
- 13 Cf. KALB, *op. cit.*, p. 80.
- 14 Antoine de SAINT-EXUPÉRY, *O Pequeno Príncipe*, p. 71.
- 15 Nesse sentido alerta também Frieder SCHULZ, in: art. “Kirchenjahr”, *Evangelisches Kirchenlexikon*, p. 1124.
- 16 As cores litúrgicas para cada evento no AI são indicadas em: *Proclamar Libertação*, São Leopoldo, Sinodal, 1988, vol. XIV, pp. 420-425.

Günter K. F. Wehrmann
Caixa Postal 8
89107 Pomerode — SC